

► **Traços pós-modernos em Ana Maria Machado: uma vertente infantil do questionamento do poder**

Cristiane Madanêlo
UFRJ – UNIGRANRIO

Alguns preâmbulos importantes

É no encontro com qualquer forma de literatura que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Nesse sentido, a literatura apresenta-se não só como veículo de manifestação de cultura, mas também de ideologias. A literatura infantil, por iniciar o ser humano no mundo literário, deve ser um instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade de analisar o mundo, sem estar a serviço de qualquer interesse.

Entre os séculos XVI e XVII, houve o nascimento da sociedade moderna e com ela o surgimento do *status* de infância. Até então, as crianças eram somente adultos de tamanho pequeno, sem distinções de sinais culturalmente reconhecidos como roupas ou atividades especiais, por exemplo. Já a literatura infantil apareceu durante o século XVII, época em que há mudanças na estrutura da sociedade, com a ascensão da família burguesa. Assim, de uma forma inquestionável e praticamente natural, estabeleceu-se um vínculo entre dominador e dominado que reproduz o modelo capitalista de organização social.

A emergência dessa literatura associa-se, desde as origens, a uma função utilitário-pedagógica, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em divulgadoras dos novos ideais burgueses. Sendo assim, a literatura infantil esteve durante praticamente todo seu percurso histórico a serviço de ratificar o cânone do poder: heterossexual, adulto e jovem, europeu, burguês, capitalista, branco, católico e ocidental.

Até bem pouco tempo, a literatura infantil era considerada como um gênero secundário, vista pelo adulto como algo pueril (nivelada ao brinquedo) ou útil (forma de entretenimento). A valorização da literatura infantil, como formadora de consciência dentro da vida cultural das sociedades, é bem recente. Com base nessas considerações, pode-se depreender a importância da literatura infantil, pois apresenta um potencial de manipulação de ideologias em formação.

O movimento da pós-modernidade, que simbolicamente nasceu com o estouro da bomba de Hiroshima sobre as rupturas modernas, trouxe mudança de perspectivas nas artes e nas sociedades. A profusão de notícias, a tecnologia virtual, o simulacro, a erotização, a ausência de valores e o individualismo são algumas marcas dessas transformações do pensamento ocidental.

Em plena era da informação, do chamado “Quarto Poder” — os meios de comunicação —, os valores passam a ser questionados, dentre eles a noção de centro. Percebe-se um movimento excêntrico e uma valorização dos grupos marginais, das minorias. Nesse sentido, os silenciados pelo cânone, como minorias étnicas e mulheres, começam a questionar suas posições em relação ao poder.

Abordar qualquer assunto ligado à criança, em se tratando de ocidente, significa tematizar uma minoria, desconsiderada na visão elitista e canônica. Como outras minorias, a criança não tem direito a voz, não dita valores; pelo contrário, é dependente e conduzida por quem detém o poder econômico: os adultos.

A literatura para crianças por muito tempo reproduziu esse modelo canônico. A pós-modernidade, com toda sua linha crítica, incita aos questionamentos em qualquer manifestação da cultura, inclusive no âmbito da literatura. Os textos caracterizados como infantis não são menores, menos ainda a qualidade literária de muitos autores como foi o caso de Monteiro Lobato, que encontrou na literatura para crianças a esperança que perdera com a literatura adulta.

Dentre nomes de relevo na produção literária infantil brasileira contemporânea figuram autores como Ziraldo, Sylvia Orthof, Ruth Rocha, Ligia Bojunga, Ricardo Ramos, Ana Maria Machado e muitos outros. Os textos desses escritores não apresentam uma visão pronta, mas um convite para partir “do mundo da leitura para a leitura do mundo”^[1].

Para o presente trabalho, o olhar dos traços de pós-modernidade recairão sobre a produção de Ana Maria Machado, autora de literatura, sem adjetivos que delimitem o público a que suas obras se destinam. Escritora premiada com Hans Christian Andersen, considerado o prêmio Nobel da literatura infantil mundial em 2000 e membro da Academia Brasileira de Letras, a vasta produção literária de Ana Maria Machado é reconhecida nacional e internacionalmente.

Quanto à escolha dos livros de Ana Maria Machado estudados neste trabalho, pode-se dizer que muitos poderiam ser os títulos, mas fez-se uma seleção de algumas temáticas mais significativas para representar a atitude de ir contra o cânone, declarada no prefácio do livro *Contracorrente* (1999):

"Sou mesmo contra a corrente. Contra toda e qualquer corrente, aliás. Contra os elos de ferro que formam cadeias e servem para impedir o movimento livre. E contra a correnteza que na água tenta nos levar para onde não queremos ir. No fundo, tenho lutado contra correntes a vida toda. E remado contra a corrente, na maioria das vezes. Quando as maiorias começam a virar uma avassaladora uniformidade de pensamento, tenho um especial prazer em imaginar como aquilo poderia ser diferente." (MACHADO, 1999 - p. 7)

Com a certeza de que encontraria um excelente material de questionamento aos cânones, característica comum na obra de Ana Maria Machado, este trabalho é um pequeno mergulho em uma produção literária extremamente importante para a formação de um senso crítico em muitos leitores.

Pós-modernidade e o questionamento do cânone

Nascido na década de 50, o pós-modernismo, enquanto movimento estético, aparece identificado como uma época histórica: a sociedade pós-industrial e até considerada pós-capitalista, em que as relações estão fragmentadas. A ideologia burguesa do “eu” é canônica e não abarca mais a força emergente do coletivo, a pressão das “margens”. A pós-modernidade é culturalmente polifônica, como destaca Arthur Emílio, e questiona valores e cânones desgastados pelo combate aberto dos ideais modernos.

“Vivemos hoje a era da incerteza, do caos organizado, do ecletismo cultural indiscriminado, da mesclagem geral do sublime com o grotesco, do erudito com o popular, do cruzamento sem precedentes de raças e etnias diversas, da implacável globalização econômica.” (SILVA, 1999 - p. 77)

Nas últimas décadas do século XX, a concepção de identidade sofreu sensíveis transformações por influência desse descentramento. Essa mudança de eixo em relação ao cânone implica dissolução de fronteiras e imprime transformações essenciais no campo cultural, com reflexos na literatura.

Em função da fragmentação também no âmbito social, há um descentramento do sujeito e uma interpenetração dos discursos. Com a perspectiva da multiplicidade de pontos de vista, desarticulam-se as estruturas binárias mutuamente excludentes. Diante do olhar caleidoscópico pós-moderno, o ser é fragmentário por excelência e o discurso oficial é subvertido por vozes minoritárias deixadas até então à margem.

As tendências multiculturalistas intensificadas a partir da década de 80 promovem o descentramento cultural. Emerge a preocupação com a valorização dos produtos culturais locais e sua relação com as demais culturas, sem hegemonias. Outros estados fora do binômio Rio de Janeiro - São Paulo estão assumindo-se enquanto produtores de cultura brasileira e não meros receptores.

Esse descentramento tem reflexos até nos movimentos migratórios brasileiros. No censo de 2000^[iii], o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE constatou que o fluxo migratório está mudando de eixo e redirecionando-se mais para o interior. Esse fenômeno é denominado migração de retorno e deve-se ao insucesso por parte do migrante, além de investimentos dos governos estaduais na geração de empregos e fixação da população. Percebe-se, então, o descentramento geográfico, pois a maioria dos estados do Nordeste está diminuindo sua perda populacional, embora os grandes centros ainda contem com um número alto de habitantes em busca de um futuro melhor.

O mundo pós-moderno se pulveriza em signos múltiplos e fragmentários, enquanto o sujeito encontra-se num incessante processamento, nesses *links* virtuais ou não. Nesse carrossel de possibilidades, promove-se uma fusão de arte e vida, num movimento de desestetização. Tomando o

título de Nelson Rodrigues, quer-se mostrar “a vida como ela é”, vive-se a moda do chamado *reality show* que revela o cotidiano nos seus mínimos detalhes e crueldades.

No universo literário da pós-modernidade, não há formas prontas e definidas e a fragmentação da narrativa é latente. O pluralismo e o ecletismo de estilos são a norma. O leitor pós-moderno deve promover os seus *links*, uma vez que as produções são intertextuais e reinventam um novo real, com cores fortes e intensas. Nesse contexto, o leitor deve ativar sua imaginação, participar com os sentidos todos em alerta. Aí, faz-se um feliz casamento entre as propostas pós-modernas e o real propósito da literatura infantil, cujo objeto principal é o exercício da imaginação.

Literatura infantil e formação do pensamento

A atitude questionadora e a contestação em relação à autoridade são reflexos da revolução de costumes dos anos 60, como destaca Linda Hutcheon em *Poética do pós-modernismo* (1991). Nesse sentido, também a literatura infantil assumiu esse papel com reflexos das mudanças instauradas pela pós-modernidade.

Durante a ditadura militar no Brasil (1964 – 1985), muitos autores brasileiros encontraram na literatura infantil o espaço para expor seus questionamentos e protestos contra a política de repressão imposta pelo governo. Tudo isso só foi possível porque a literatura infantil sempre foi considerada um gênero menor, sem maiores perigos, coisa de mulher e, portanto, não era alvo do olhar incisivo dos censores.

Dessa forma, vários autores denunciavam, através de textos dirigidos ao público infantil, os abusos de poder e a realidade político-social do país. Ana Maria Machado em seu livro de artigos *Texturas* (2001) registra bem esse momento do qual foi partícipe ativa, como no trecho a seguir: “(...) por incrível que pareça, os militares não deram a menor importância aos livros para criança. (...) E acabou ocorrendo algo inesperado: foi justamente a partir do AI-5 que houve o chamado *boom* da literatura infantil brasileira (...)” (MACHADO, 2001, - p. 81)

Nelly Novaes Coelho (2000), uma das críticas mais conhecidas no universo literário infantil brasileiro, assinala um conjunto de características estilísticas e estruturais da literatura infantil / juvenil contemporânea[[iii](#)]. Muitas dessas características destacadas são reflexos das tendências pós-modernas, como a tendência de retomada de temas e recursos antigos a fim de integrá-los a novas estruturas. Seguem-se algumas dessas peculiaridades temáticas e formais de traços pós-modernos:

Seqüência narrativa – procura-se propor problemas a serem solucionados de maneiras diferentes, muitas vezes co-participativamente, do que apresenta respostas prontas.

Personagens – emergem as individualidades que se incorporam no grupo-personagem, com tendência a valorização de grupos, patotas, a personagem-coletiva. Surge o espírito comunitário e a individualidade do herói está pouco presente. As soluções apresentadas durante a enfação dependem da colaboração de todos. Identifica-se, por vezes, uma individualidade não integrada no grupo. Nesse caso, presencifica-se a personagem questionadora que põe em xeque as estruturas prontas, um convite à reflexão.

Voz narradora – mostra-se mais consciente da presença de um leitor possível, num tom mais familiar e até de diálogo. Não cabe mais tratar o leitor como receptor da mensagem, pois não há passividade. A perspectiva é de interlocutor, em tempos de valorização da análise do discurso e da pragmática.

Ato de contar – crescente valorização da linguagem e todos os processos a ela relacionados. São freqüentes as abordagens metalingüísticas, com histórias falando de si mesmas e de seu fazer-se.

Espaço – pode ser um simples pano de fundo para personagens ou participante da dinâmica da ação narrativa. Percebe-se uma preocupação crescente em mostrar as relações existentes nesse espaço, a fim de conduzir à reflexão.

Nacionalismo – busca das origens para definir a brasilidade em suas multiplicidades culturais, com identificação não só sul-americana como africana. Delimitar uma nova maneira de ser no mundo, a brasileira.

Exemplaridade – deixa de ser usada somente com intenção pedagógica e passa a revelar a ambigüidade natural do ser humano, sem maniqueísmos. Tende a ser uma maneira de propor problemas a serem resolvidos e estimular a optar conscientemente nos momentos de agir.

Muitas dessas características apresentam-se como marcas pós-modernas e estão presentes na obra infantil de Ana Maria Machado, objeto de estudo do próximo capítulo.

Poética do rompimento em Ana Maria Machado

Era uma vez um tirano: palavra é poder

Era uma vez um tirano enfoca a relação de poder político, tema que perpassa a evolução da humanidade. O narrador demonstra uma preocupação em marcar a atemporalidade e o não-lugar, tudo isso reforça a idéia de que os fatos que serão contados podem ocorrer em qualquer lugar ou época. Essas preocupações são bem marcadas e divididas com o leitor logo nas primeiras linhas do texto.

“Uns dizem que esta história aconteceu há muitos anos, num país muito longe daqui. Outros garantem que não, que aconteceu há poucos e poucos dias, bem pertinho.

Tem também quem jure que está acontecendo ainda, em algum lugar. E há até quem ache que ainda vai acontecer.” (MACHADO, 1982 - p. 5)

O pós-modernismo está associado à desconstrução de princípios e instituições ocidentais, dentre elas está a ordem instituída. Ana Maria Machado, através da literatura infantil, vai introduzir na obra em exame um questionamento sobre os limites das relações de poder. Para tanto, cria o protagonista da narrativa como um Tirano, assim mesmo com tê maiúsculo.

Nessa perspectiva, como personagem principal e centralizador do poder, o Tirano se impõe politicamente pela força e proíbe as diferenças de qualquer natureza em seus domínios. A construção desse poder centralizador e a tentativa de anulação dos elementos à margem são construções muito marcadas pela ditadura militar que o Brasil viveu em seu passado histórico.

A primeira edição do livro em exame se deu em 1982 pela editora Salamandra. Nessa época, o Brasil ainda estava sob regime militar, no governo do General João Batista Figueiredo (1979 a 1985). Apesar da anistia, ainda vigiam as leis da ditadura e determinadas proibições implementadas pelo personagem Tirano lembravam um tempo não tão distante na vida brasileira.

Sempre ativa diante da situação política nacional, Ana Maria Machado, no final do ano de 1969, depois de ser presa e ter diversos amigos também detidos, deixou o Brasil. O exílio voluntário foi determinado pelas circunstâncias, uma vez que a situação política se mostrou insustentável.

A resistência ao que é imposto é uma das características mais marcantes da poética de Ana Maria Machado. No prefácio de uma coletânea de artigos que recebeu o nome de *Contracorrente* (MACHADO, 1999), a autora revela seu desejo de ser como Quixote, uma defensora da liberdade, numa atitude anticonformismo.

A fim de colocar em prática seu quixotismo, a autora propõe um caminho simbólico para derrubar a tirania em *Era uma vez um tirano* (MACHADO, 1982). A descrição dessa intencionalidade Ana Maria Machado revela na seguinte passagem retirada de sua página na internet:

“Minha proposta para vencer a situação era simbólica, naturalmente. Mas tinha a ver com o caminho em que eu acreditava: uma festa feita com a união de toda a nação, nas suas diferentes etnias e gerações, com os recursos da memória e da criatividade artística, e com a pureza e coragem das crianças.”^[iv]

Desde o início da história, o narrador deixa evidentes as atitudes de repressão tomadas pelo Tirano, a fim de anular o que ele julgou ser uma bagunça. Antes de o Tirano estar no poder, as pessoas discutiam para tomar qualquer decisão que fosse reflexo da opinião da maioria. Logo em seguida surge o discurso do Tirano que afirma ser a discussão uma grande perda de tempo, sobretudo em detrimento do trabalho.

Tem-se a questão do capitalismo em primeiro lugar sendo transmitida ideologicamente pelas colocações do Tirano. Em seu texto sobre a ética, Emmanuel Carneiro Leão (2001) destaca a crise dos valores que vem se constituindo, sobretudo no ocidente, sob influência direta do sistema capitalista. Em suas palavras: "No lugar da ética entrou a economia, ocupando todos os postos e funções e substituindo qualquer valor" (LEÃO, 2001 - p. 7) As considerações de Emmanuel vão mais além, pois ele assinala que essa atropelada do valor econômico atinge diretamente a política. Como construir política sem pluralidade e sob a ditadura do lucro?

No Brasil, até hoje há pessoas que preferem a volta da ditadura para acabar com a "bagunça" instituída pela tal democracia. O lema nacional, citado por muitos brasileiros, é de um absurdo sem tamanho: "cada um por si e Deus contra todos". Nesse momento de apatia por parte dos oprimidos, nesse país muito longe (ou nem tanto como assinala o narrador logo no primeiro parágrafo do texto), destacam-se três crianças.

Num capítulo de *Contracorrente* (MACHADO, 1999) intitulado "A ideologia da leitura", Ana Maria Machado questiona o papel dos textos para crianças no que diz respeito à ideologia transmitida. Muitas dessas histórias, destaca a autora, reafirmam a dominação do mais fraco pelo mais forte e ensinam aos pequenos que os adultos, por saberem mais, devem sempre decidir. Justamente por acreditar que a literatura infantil, enquanto forma de arte, tende a ser subversiva e questionadora diante da autoridade, são as três crianças os elementos fundamentais de contestação em relação aos abusos de poder por parte do Tirano.

Em *Era uma vez um tirano* (MACHADO, 1982), a submissão às ordens do Tirano não se deu de forma pacífica, mas força e violência funcionaram como armas para coibir qualquer divergência em relação ao poder. Institui-se a ditadura e o toque de recolher, que simbolicamente propunham uma retirada da resistência, de forma pacífica ou não. Assim, revelam-se prisões e expulsões, mas uma chama resiste, pois alguns guardavam suas idéias na cabeça. Mas de nada adiantavam as idéias se não houvesse conectividade entre elas.

Em seu livro *O que é pós-modernismo*, Jurandir Freire (2000) aborda um fenômeno contemporâneo chamado deserção social, a muitas vezes designada por grande massa-leviatã. A massa pós-moderna encontra-se numa posição de conformismo e de tal modo fragmentada que não se posiciona conscientemente e não visa à retomada do poder. Esse quadro de apatia condiz com o momento da supremacia da ditadura que se apresenta na enfação de *Era uma vez um tirano* (MACHADO, 1982).

Ana Maria Machado, à moda lobatiana, delegou às crianças esse poder de articulação das pessoas que julgavam ser improcedentes as medidas impostas pelo Tirano. Há uma espécie de recomeço com o uso da estrutura "era uma vez" e as três crianças (duas meninas e um menino) descobrem-se diferentes entre si. A cor da pele recebe destaque com a presença do preto, da pele quase rosada e a outra cor de cobre, numa espécie de recomeço da raça brasileira.

Depois que começou a mobilização, todos puderam palpitar, numa atitude bem democrática. Como destacou COELHO (2000), as personagens-grupo emergem e aquela associação se dá em função de um interesse comum. São colocadas, então, as mais variadas sugestões numa tentativa de mostrar o ecletismo que um processo político deve ter. "De conversa em conversa, as idéias aparecem. E as conversas e idéias são grandes inimigas dos Tiranos." (MACHADO, 1982 - p. 11)

A revolução se deu em três frentes, cada uma sob responsabilidade de uma das crianças. Convém lembrar que uma das muitas proibições do Tirano dizia respeito às artes em geral: "Estava proibido cantar, dançar, tocar, batucar, representar, desenhar, pintar, inventar, escrever, ler, guardar papel escrito." (MACHADO, 1982 - p. 14). Foi exatamente com base nas artes que a revolução efetivou-se.

O grupo liderado por Jacira trouxe de volta as cores e, através do reflexo de luz, surge um arco-íris. A representação das cores é uma forma de resgate pelas artes, nas pinceladas de Ana Maria Machado

por sua formação de pintora. Esse elemento da natureza, arco-íris, simbolicamente pode ser entendido, além da feliz mistura e fusão das cores, dos elementos diferentes que se integram, como prenúncio da felicidade vindoura.

Ainda convém destacar que as pessoas também usaram seus corpos como uma forma de protesto, numa demonstração de que não são necessários apetrechos especiais para fazer valer as opiniões. Com uma profusão de elementos brasileiros, faz-se menção a urucum, jenipapo, além das plumagens de aves nativas. Essa perspectiva de valorização do nacional remete aos índios e também é uma das características da produção de Ana Maria Machado.

A outra frente de resistência era coordenada por Totonho e trazia a música e a dança. Tal qual um painel, típico de protestos políticos, o som abafou em todas as dimensões a voz do Tirano, ainda que berrasse. O principal instrumento elaborado para esse grupo foi a flauta, construída com talo de folha de mamoeiro, nova marca de brasilidade. Além da referência ao encantamento pelo som da flauta[v], esse instrumento agregou as pessoas, inclusive quem não dispunha de instrumentos. Marque-se, assim, a falta de necessidade de se ter instrumentos para participar efetivamente de uma mobilização, numa espécie de convite à manifestação política.

A terceira facção do movimento liga-se à intervenção humana na tentativa de reinventar a natureza. É a equipe conduzida por Isabel que promoveu uma apresentação de pirotecnia - uma chuva ao contrário[vi]. Mais uma vez a idéia de contrariedade e inversão do instituído perpassa a narrativa.

Nota-se a feliz união entre as crianças e os mais velhos, representados pela figura dos avós que trazem à tona os elementos guardados para enfeitar o corpo dos protestantes ou o cristal que deu origem ao arco-íris, presente da avó de Jacira. É o avô de Isabel que ensina à menina a "descobrir a pólvora" e trouxe a luz ao pensamento dos participantes da manifestação.

Sendo assim, através da memória dos elementos guardados e dos ensinamentos dos velhos, estabeleceu-se um elo entre essas duas pontas da vida tão desprestigiadas socialmente. Pode-se relacionar esse desprestígio à infância e à velhice por razões econômicas, pois em ambos os momentos da vida a pessoa não está economicamente ativa, na perspectiva do capitalismo. Com a pós-modernidade, recebem voz também essas duas minorias bastante relegadas a segundo plano historicamente.

Raul da ferrugem azul: apatia

Livro marcante na carreira de Ana Maria Machado, *Raul da ferrugem azul* teve sua primeira publicação em 1979. Nesse mesmo ano, a atual ocupante da cadeira 1 da ABL recebeu o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infanto-juvenil, como reconhecimento da qualidade literária dessa história. Ao comemorar 35 anos de carreira, a autora emociona-se com o fato de Gabriel Costa, que leu o livro quando era criança, estar adaptando a narrativa para o cinema.

O texto inicia-se com um questionamento do menino Raul que é a força motriz de toda a narrativa: "— E gente enferruja ?" (MACHADO, 1979 - p. 8). Tentar entender o significado das manchas que aparecem em seu corpo é o que mobiliza o protagonista. Por trás da busca do significado desse signo, subjaz uma questão maior: a apatia diante das injustiças. Moldado socialmente para ser um menino bonzinho, não se meter com os outros, não dar resposta malcriada e não desobedecer a ninguém, Raul não entendia o motivo de provocações por parte dos colegas.

O individualismo exacerbado que caracteriza a pós-modernidade aparece em *Raul da ferrugem azul* (MACHADO, 1979) no comportamento de Raul e seus amigos. Ainda que o protagonista achasse que deveria ter havido briga quando ele foi provocado gratuitamente por um colega, não conseguia fazer nada. As desculpas de que não é seu problema ou não se meta onde não é chamado são reflexos da desmobilização e despolitização, bastante convenientes às instâncias de poder.

A violência imotivada, o sadismo e a covardia são fatos corriqueiros tanto na narrativa quanto no cotidiano brasileiro. A todo momento, a pressa do motorista do ônibus em partir "atropela" os direitos dos passageiros, como foi tematizado no capítulo "Primeira aventura de desenferujamento" do livro em exame. A atitude, ou melhor, a falta de atitude das pessoas e até a não compreensão de que não houve respeito ao outro são concretizadas na história pelas gargalhadas a distância dos colegas de Raul.

Essa ausência de comprometimento com o semelhante e suas questões pessoais é reflexo da descrença na política. Sobretudo no Brasil, a corrupção e a impunidade são usadas como justificativa pela massa pós-moderna que dá as costas para questões não individuais. Essa deserção social, como tem sido designada por sociólogos, relaciona-se com a falta de senso de continuidade histórica, pois a tônica pós-moderna concentra-se no presente. Assim, o neo-individualismo pós-moderno favorece sobremaneira o interesse do sistema: todo mundo consumindo e conformado.

Muitas vezes, a apatia é camuflada sob uma falsa ética pelo sistema que precisa manter em cena o simulacro de algumas instituições como família, religião, democracia, pátria, dentre outros. Quando um dos meninos quebrou os óculos de um colega, Raul revolta-se e agarra o agressor. Todos desejavam que houvesse uma punição, mas Raul não teve coragem de bater no colega, por causa da diferença de tamanho: "Mas em menino menor não se bate. Nem quando ele é abusado, implicante, chato. Também não tem essa de ir contar ao professor. O jeito é esperar o outro crescer." (MACHADO, 1979 - p. 10)

Como bem tematizou Emmanuel Carneiro Leão em um artigo sobre ética (2001), a crise da ética está intimamente relacionada com a crise dos princípios. Nessa perspectiva, a força do direito transforma-se em direito da força e as atitudes de violência acabam sendo encaradas como "certas". Há duas novelas televisivas da Rede Globo, referência de comportamento para muitos brasileiros, a cena se repete: espancamento da vilã da intriga por parte da mocinha. O capítulo é aguardado pelos

telespectadores e conta com altos índices de audiência, como num processo catártico coletivo contra as injustiças de toda natureza.

Se ética é uma ciência da *praxis*, como se poderia pensar em ética quando o que predomina é a repetição automatizada de autômatos. Raul não corre em auxílio ao vendedor de balões para ajudá-lo a se defender do agressor que estoura uma a uma sua mercadoria: "Mas como os colegas não se mexeram e ficaram olhando de longe e dando gargalhada, ele também não saiu do lugar" (MACHADO, 1979 - p. 15).

Parece haver também uma espécie de constrangimento social se um indivíduo toma partido de uma questão de outrem ou mesmo reclama por alguma motivo justificável. Essa pressão social é vivida pelo protagonista da narrativa e impede que ele se manifeste: "Mas com toda a raiva, não falou nada. Medo de que rissem dele. Hábito de não falar as coisas que iam dentro da cabeça" (MACHADO, 1979 - p. 20).

Cria-se o estereótipo do brigão, alcunha que Raul atribui inicialmente a Estrela, menina que encontra na favela. Quando Raul resolve manifestar-se contra o motorista do ônibus e em defesa da lavadeira, também é essa a designação que recebe dos demais passageiros. Diferentemente de Fabiano em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, Raul assume seu discurso e usa a palavra para tornar-se um ser social: "Afinal, ele não era bicho, sabia falar, tinha vontade, sabia querer, sabia se defender. E defender os outros, quando fosse o caso." (MACHADO, 1979 - p. 45). A solução começa com o questionar, pois o pensamento é a presença incômoda e desconcertante na consciência da não consciência. O elemento que representa esse espaço do questionamento na narrativa em exame é Raul.

Diante desse momento histórico de transição, fechar um conceito de ética é complicado. No todo-dia, as pessoas estão construindo sua noção do que seja um comportamento ético, desde que não fira os interesses individuais ou dos pequenos grupos minoritários a que pertençam. Em entrevista à revista *Istoé* [viii], Ana Maria Machado expõe sua concepção sobre ética: "No fundo, ética é uma coisa muito simples: não se pode fazer ao outro o que não gostaríamos que fizessem com a gente."

É com esse pensamento que Estrela, menina que ajuda Raul a compreender as tais manchas, torna-se porta-voz de uma proposta conciliadora entre apatia e violência exacerbada: "Não precisa ser briga de bater e apanhar. Mas se a gente for ficar a vida inteira esperando alguém do tamanho exato para brigar, não briga nunca, e todo mundo manda na gente" (MACHADO, 1979 - p. 31).

Além de pertencer ao grupo minoritário dos favelados, Estrela é do sexo feminino, outra minoria destituída historicamente do poder da palavra. Enfrentando essas dificuldades, ela não se deixa abater pela posição machista de um menino sobre brigas de homem não serem para mulher se meter. A resposta está prontinha, na ponta da língua: "— Quem escolhe as minhas brigas sou eu." (MACHADO,

1979 - p. 31) Percebe-se um rompimento com as questões de gênero e vários valores atrelados ao patriarcado. A posição de submissão feminina não condiz com essa escritora que afirma terem sido suas avós exemplos de força para que ela hoje tenha a posição que conquistou na sociedade brasileira.

O encontro de classes sociais diferentes também é tematizado por Ana Maria Machado em *Raul da ferrugem azul* (1979). Há o grupo pobre, representado pela empregada Tita e o núcleo da favela, e a patota de Raul que pertence a uma parcela mais abastada economicamente. Essa aproximação, muitas vezes não tão pacífica quanto na história de Raul, dá-se mais efetivamente em função da visita do menino ao Preto Velho, lá na favela. Os problemas da favela foram pintados, mas não receberam cores tão fortes como a das pipas, diversão da garotada.

De uma forma sutil, Ana Maria Machado introduz a questão da desvalorização do trabalho da empregada doméstica. Raul pensa estar sozinho, sem ninguém em casa, mas rapidamente lembra-se de que Tita está em casa, pois alguém foi responsável por fazer a comida. Mesmo tomando partido contrário à decisão de seus pais, o menino não acha justa a atitude de trocar a folga da empregada porque havia um compromisso dos patrões.

Afloram questionamentos em Raul diante do preconceito no discurso de seus colegas. As distinções em função da cor da pele são destituídas de sentido e associação com as raças até pela preocupação do protagonista de estar ficando azul. A questão das minorias raciais é colocada em xeque pelas dúvidas de Raul, mas esse assunto será mais aprofundado na seção seguinte com a abordagem de *Menina bonita do laço de fita*.

Menina bonita do laço de fita: desconstrução do preconceito

Esse livro, junto com *Bisa Bia, Bisa Bel*, é um dos mais premiados e traduzidos livros de Ana Maria Machado. Em seu livro *Contracorrente* (MACHADO, 1999)^[viii], a autora relata que inicialmente o coelho branco curioso, personagem da história, era um brinquedo de sua filha Luísa, mais branca que os demais irmãos advindos do primeiro casamento de Ana Maria Machado. Assim, a mãe criava brincadeiras em que o tal coelhinho perguntava por que Luísa, sempre enfeitada com laço de fita, era tão branquinha. Os irmãos ajudavam argumentando que era por comer muito arroz, ou beber leite demais etc.

Mas afinal a protagonista de *Menina bonita do laço de fita* (MACHADO, 1986) é negra. Para justificar a transformação e escrever a história por sugestão do segundo marido, seguem-se as palavras da autora transcritas em *Contracorrente* (MACHADO, 1999):

"Gostei da idéia, mas achei que o tema de uma menina linda e loura, ou da Branca de Neve, já estava gasto demais. E nem tem nada a ver com a realidade do Brasil. Então a transformei numa pretinha, e fiz as mudanças necessárias: a tinta preta, as jabuticabas, o café, o feijão preto etc." (MACHADO, 1986 - p. 66)

Fica claramente declarada a intencionalidade de Ana Maria Machado em fugir ao cânone e revelar enquanto protagonista uma menina negra, fato pouco comum em títulos de literatura infantil. Essa falta de identificação de leitores negros com as personagens de histórias é objeto de pesquisas atualmente em diversas áreas, sobretudo investigando em que medida há reflexos na ideologia construída para os não-brancos.

Sendo assim, o destaque principal dado à menina negra garante identidade de protagonista aos negros, de quem sempre foi legada a posição de outro, o não-branco. Vários movimentos de valorização da cultura negra vêm-se proliferando como reflexo da valorização de uma das múltiplas margens desse centro branco e canônico. Multiplicam-se pessoas com camisas com dizeres 100% negro, até mesmo brancos usam a camisa num fenômeno atípico até então.

A busca da motivação para a diferença do tom da pele ser negro e a beleza a ele associada são as temáticas centrais da narrativa de *Menina bonita do laço de fita* (MACHADO, 1986). Os elementos usados logo no início do livro estabelecem de forma poética pontos de comparação para a negritude da menina: "Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feitos fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem o pêlo da pantera negra quando pula na chuva." (MACHADO, 1986 - p. 4)

A questão dos cabelos é uma preocupação constante das mulheres que, muitas vezes, querem modificar o visual a fim de pertencerem ao modelo canônico de beleza: cabelos lisos. Para isso, muitas submetem-se a verdadeiras experiências químicas e desprezam suas características naturais. Na narrativa de Ana Maria Machado, as tranças ganham ênfase enquanto enfeite da beleza da menina. Essa marca de identidade negra agora está sendo usada por pessoas brancas numa tendência pós-moderna de mescla de elementos culturais.

A referência de princesas e fadas dos contos de fadas que foi reproduzida por muito tempo nas obras de literatura infantil remete a uma figura branca e loura. Ana Maria Machado destaca a menina do laço de fita como uma princesa africana ou uma fada do Reino do Luar, numa reversão completa do modelo canônico. Percebe-se claramente uma tentativa de destacar conotações positivas para a figura do negro.

A grande curiosidade do coelho branco, personagem da história, é saber como a menina conseguiu ficar negra e tão bonita. Esse questionamento infantil é muito comum, sobretudo se a criança negra sente-se como o elemento diferente, à margem. Por que sou negro? é uma pergunta difícil de responder, pois ela envolve não só a cor da pele mas tudo o que social e culturalmente isso representa.

Para responder a essa demanda do coelhinho, a menina, que também não sabe o motivo, usa seu poder inventivo, a imaginação. Justifica a negritude por ter caído em tinta preta quando pequena, associa a muito café bebido ou a ter comido muita jabuticaba e feijoada. Convém destacar que café, jabuticaba e feijoada são elementos típicos da cultura nacional, muitas vezes também não privilegiados como referências literárias.

Não há uma resposta definida para o fato de a menina ser negra e nem uma preocupação nesse sentido. O coelhinho, com o intuito de realizar seu desejo de ter uma filha pretinha e linda como a menina, descobre que é só arrumar uma parceira preta. Com a associação do branco com o negro, revela-se a mestiçagem, pois nascem filhotes brancos, cinza, negros e mesclados. A idéia da mescla e da heterogeneidade típicas das tendências pós-modernas simbolicamente revelam-se nessa união, sem que haja qualquer natureza de oposição ou exclusão dos elementos. O que é o diferente? Quem define o igual para que se possa constituir, em oposição a ele, o que é diferente? Na história em questão, revela-se a diluição dessas diferenças através do nascimento dos filhotes, ainda que o destaque seja dado à coelhinha negra no final.

Como destaca HUTCHEON (1991), no grande circo com vários picadeiros, os ex-cêntricos associam-se em suas diferenças contextualizadas. Além de a protagonista da história ser negra, também é um elemento feminino e infantil. Assim, associam-se três manifestações de não contemplação por parte do cânone: negra, criança e sexo feminino. Todas essas identidades foram esbulhadas de voz política e culturalmente constituída, mas assumem o papel central em *Menina bonita do laço de fita* (MACHADO, 1986).

Considerações finais

Diante da vasta produção poética de Ana Maria Machado, essas incursões são pequenas e sempre pouco profundas. Convém destacar que a intencionalidade inicial para este trabalho era de analisar apenas uma obra, mas o fascínio desse mundo em que tudo pode ser mudado convidou a outras abordagens.

Com certeza, Ana Maria Machado insere-se na poética da pós-modernidade de forma marcante. Atualmente, a produção dessa autora não está tão associada à literatura dita infantil, com seu nono romance em produção. Dos registros no diário à vasta gama de títulos, foram vários anos de dedicação à literatura, sem adjetivos, como a autora gosta de ressaltar.

A interferência que a obra de Ana Maria Machado tem na formação do pensamento brasileiro é notória. Com certo orgulho, ela mesma declara em *Texturas* (MACHADO, 2001 - p. 82), que durante a manifestação a favor do *impeachment* um grupo de jovens manifestaram ter lido *Era uma vez um tirano* (MACHADO, 1982) e com ele aprendido uma lição.

As pressões da ditadura, já referendadas neste estudo, acabaram por favorecer o universo infantil com autores de qualidade como Ana Maria Machado. A responsabilidade de produzir para o público infantil e juvenil é muito mais preocupante, pois as histórias revelam em suas entrelinhas todo um código de ética. O conceito de infância mudou, as relações culturais mudaram e, como reflexo de tudo isso, a literatura mudou. Não se entende mais a infância como vir a ser que precisa ser moldado num adulto exemplar.

Multiplicam-se os espaços específicos para o público infantil nas livrarias, bem como escritores e editoras especializam-se nessa faceta da literatura. O mercado literário descobriu esse filão mercadológico e passam a seduzir os adultos, por seu poder de compra. Ainda há graves problemas de distorções, mas percebe-se uma preocupação com o que subjaz às linhas destinadas às crianças.

Necessita-se, ainda, de uma formação mais crítica por parte dos adultos a fim de romperem com a literatura estereotipada e que reproduz um modelo maniqueísta de certos e errados. As crianças têm à disposição uma gama de autores de qualidade em literatura infantil, mas ainda estão sujeitos às campanhas da mídia como aconteceu com o fenômeno Harry Potter.

No livro *Texturas* (MACHADO, 2001), há um capítulo dedicado a uma breve análise da produção da escocesa Joanne K. Rowling. Ana Maria Machado não desmerece a seqüência de aventuras de Harry Potter, mas tal qual Raul levanta questionamentos. Enumeram-se títulos e autores nacionais de qualidade literária e que tematizavam aventuras tão ou mais interessantes que as descritas por Rowling.

O segredo de tanto sucesso foi associado à campanha publicitária estrondosa e de excelente qualidade. Destaca Ana Maria Machado a genialidade da frase colocada nos *outdoors* pela cidade: "Vem aí o segundo *Harry Potter*. Quem vai ler primeiro, você ou seu filho?" Essa oportunidade rara de competição de igual para igual com os adultos as crianças não podiam perder. O que não pode haver é um enferrujamento na divulgação dos títulos brasileiros que contam com um acervo de alta qualidade.

Sempre que se discutem questões relativas ao incentivo à leitura, surge o problema do valor de cada exemplar e da falta de poder aquisitivo da maioria da população brasileira. Não é por falta de dinheiro que não se lê e sim por falta de uma tradição cultural nesse sentido. Ana Maria Machado revela seu percurso de leitora a escritora e frisa que sua família era de origem humilde, mas valorizava a leitura como ferramenta de ascensão social.

A perspectiva de Ana Maria Machado sobre o poder da leitura perpassa por essa formação familiar. Em *Texturas* (MACHADO, 2001), revela-se uma concepção de leitura que acaba por tornar-se o cerne da poética de Ana Maria Machado enquanto escritora para crianças:

"Se a boa leitura garante a possibilidade de ascensão social e a tomada de uma parcela de poder, desenvolvendo a capacidade de ler entrelinhas e pensar pela própria

cabeça, pode ser muito perigoso para os privilegiados assegurar a imersão da população num ambiente de bons livros." (MACHADO, 2001 - p. 184)

Plenamente consciente do valor da literatura e de que palavra é poder, Ana Maria Machado dispõe-se a escrever para interferir nesse processo. Para tanto, numa profusão típica da pós-modernidade, os leitores podem escolher entre mais de cem títulos para o público infantil e juvenil, oito romances para adultos, cinco livros de ensaios, a vertente virtual na internet, além de muitas traduções e palestras pelo Brasil inteiro[ix].

Referências bibliográficas

"CENSO 2000 revela perfil do brasileiro". *Veja*, São Paulo. Disponível em: <www.veja.com.br> acesso em 25/08/03.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

HUTCHEON, Linda. "Descentralizando o pós-moderno: o ex-cêntrico". In: *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Istoé (versão eletrônica). Em http://www.terra.com.br/istoe/18/1818_vermelhas_01.htm

LEÃO, Emmanuel Carneiro. "A crise da ética hoje". In: *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 146: 5/15, jul-set, 2001.

MACHADO, Ana Maria. *Contra corrente*. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Era uma vez um tirano*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982.

_____. *Menina bonita do laço de fita*. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

_____. *Raul da ferrugem azul*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1979.

_____. *Texturas: sobre leitura e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-modernismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Coleção Primeiros Passos)

SILVA, Artur Emílio dos Santos. "O cânone literário e a crítica contemporânea". In: LOBO, Luiza (Org). *A poética das cidades*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. (pp. 71-79).

[i] a expressão foi reapropriada de uma importante produção sobre as questões da leitura cuja autora é Marisa Lajolo.

[ii] Dados obtidos na reportagem “Censo 2000 revela perfil do brasileiro”, versão eletrônica.

[iii] A abordagem encontra-se no capítulo “A literatura infantil / juvenil brasileira no século XX” (COELHO, 2000). Foi feito neste trabalho um recorte dos tópicos mais relevantes para analisar produção de Ana Maria Machado.

[iv] Dados obtidos em http://www.anamariamachado.com/livros/livro_mes.php – em 14/08/04

[v] A flauta evoca a história "O flautista de Hamelin", de Hans, em que ao som da flauta, crianças são levadas a uma caverna na montanha, que representa a reintegração no estado edênico.

[vi] O uso do contrário aparece muito bem marcado na obra de Ana Maria Machado *História meio ao contrário*.

[vii] Os dados foram obtidos na versão eletrônica da revista com endereço eletrônico constante nas referências bibliográficas.

[viii] Todo o processo de criação da história está relatado no capítulo "Ideologia da leitura" (p. 59 a 68)

[ix] Os números apresentados foram fornecidos pela própria autora em palestra na Universidade Federal do Rio de Janeiro - Faculdade de Letras, em 18/08/04.